



III SIS Vogais

Livro de Resumos

Elisa Battisti | Luiz Carlos da Silva Schwindt | Gisela Collischonn (Orgs.)

Instituto de Letras | UFRGS

2011



ELISA BATTISTI
LUIZ CARLOS DA SILVA SCHWINDT
GISELA COLLISCHONN
(Organizadores)

III SIS VOGAIS: LIVRO DE RESUMOS

Porto Alegre
UFRGS – Instituto de Letras
2011

vozeada, epêntese desvozeada e não ocorrência de epêntese. Hipotetizamos que os dois diferentes dialetos apresentarão índices diferentes do fenômeno de ACC, além de haver uma maior ocorrência de epêntese do que de coda preenchida pelo segmento não-sonoro, em concordância com Bisol (1999), que afirma que a obstruente superficializada na coda não mostra indícios de generalização e que a epêntese tem se tornado uma característica do PB. Esperamos, com a presente pesquisa, contribuir para a caracterização do fenômeno variável de ACC em diferentes dialetos, através de uma descrição mais apurada da realização do fenômeno, a partir da análise acústica dos dados coletados dos dois dialetos em questão.

Efeitos paradigmáticos envolvendo vogais na morfologia verbal portuguesa

Luiz Carlos SCHWINDT (UFRGS)

Emanuel Souza de QUADROS (UFRGS)

O português brasileiro apresenta um processo de harmonia vocálica verbal na segunda e na terceira conjugação que provoca concordância de altura entre a vogal da raiz de verbos dessas conjugações e suas respectivas vogais temáticas. Esse processo caracteriza-se por atingir a vogal da raiz quando ela recebe acento primário (p. ex. *sigo*, mas *seguir*). Há, no entanto, um padrão geral de superaplicação, exemplificado pelas formas do presente do subjuntivo, em que o efeito desse processo pode ser observado, ainda que a vogal da raiz não seja acentuada (*sigamos*, *sigais*). Schwindt (2007) analisa esse padrão de superaplicação como resultante de uma correspondência paradigmática entre as formas da primeira pessoa do singular do presente do indicativo e as formas do presente do subjuntivo. O estudo mencionado também exemplifica essa correspondência por meio dos resultados de um experimento de produção de pseudopalavras, em que os informantes tenderam a utilizar a mesma vogal da raiz no presente do indicativo e no subjuntivo. Diferentemente da derivação, o estudo de efeitos paradigmáticos em sistemas flexionais coloca a dificuldade de se definir o ponto de partida, ou a forma mais básica, da qual dependem as demais. Nos sistemas verbais, isso se complexifica, já que não há argumentos semânticos claros para sustentar a prevalência de um modo-tempo ou pessoa-número sobre outro em todos os casos. Neste trabalho, apresentamos outros casos em que formas dos paradigmas verbais parecem tomar a primeira pessoa do indicativo como modelo de formação, como na formação de participípios irregulares (*eu chego – ela tinha chego*) (Chagas de Souza, 2007). Buscamos explicar por que a forma de base para esses padrões irregulares é a da primeira pessoa do singular e não, por exemplo, a de terceira pessoa do singular, normalmente considerada como mais frequente e/ou menos marcada. Avaliamos, especificamente, os méritos da proposta de Albright (2002) sobre a escolha de formas de base de paradigmas morfológicos, em relação aos dados do português brasileiro.